

ANO 7 - V. 84 - 1942

EM TÔRNO DO LIVRO "ENTRE OS ABORÍGENES DO BRASIL CENTRAL", DE VON DEN STEINEN

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

MANUEL CRUZ

Por uma gentileza especial do dr. Maciel de Souza, que tanto, pela sua inteligência e cultura, honra a medicina brasileira na metrópole bandeirante, chegou-me às mãos um exemplar do livro "Entre os Aborígenes do Brasil", da autoria de von den Steinen, cuja tradução foi confiada à competência de Egon Schaden.

Penetrando no âmago do assunto que von den Steinen soube descrever com aquela maestria que lhe era peculiar, vi quanto de acêrto havia em Erland Nordenskold quando, ao traçar o necrológio do sábio, citado por Herbert Baldus no prefácio do livro, afirmava com razão:

"Combien infiniment plus pauvres auraient été nos connaissances sur l'histoire de l'Amérique, si quelque autre explorateur avait parcouru, le premier, le Rio Xingú, par exemple un explorateur qui n'aurait pas eu d'autre intérêt que celui de remplir les taches blanches de la mappemonde, par des noms de fleuves ou de montagnes? Les fleuves et les montagnes restent mais les peuples primitifs disparaissent, ou tout au moins, leur caractère particulier se perd, ce caractère qui nous apprend leur histoire, c'est-à-dire une partie de l'histoire de l'humanité".

O trabalho, não há negar, teve tradução condigna, todavia a edição não está totalmente estreme de erros, pelo menos no que tange aos *bororos*, o que seria impossível a quem tentasse escrever em poucos meses, com inamobilidade de conceitos, qualquer trabalho e sobre qualquer tribu selvagem.

Como um estudioso da tribu dos *bororos* lembrei fazer aqui algumas anotações à obra.

Com isso não tenho outro objetivo senão pôr luz em certos pontos que se me afiguram controversos.

I — Em primeiro lugar, na minha opinião, o vocábulo *Borôro* com que se abre o capítulo XVII e de referência à tribu do mesmo nome, está errôneamente grafado.

Os *boróros* não chamam a si mesmo de *borôros*, mas de *boróros* ou “orari mugu dogue”.

No que toca à fonética do vocábulo *boróro*, estará ela certa? Como se deve pronunciar: *borôro*, *boróro* ou *bororó*?

Não resta dúvida que *boróro*. E isso por uma razão mui simples.

Boróro significa o pátio do aldeamento, no qual têm lugar as reuniões noturnas, os discursos dos “boi imijéra-que” e as festividades sociais e fúnebres.

Acredita-se que, pelo fato de êsses índios chamarem uns aos outros, de contínuo, para o *boróro*, houvesse ocorrido o fenómeno glotológico de o continente absorver o conteúdo e o vocábulo passar a significar não somente o pátio ou praça do aldeamento, como também serviu para designar o indivíduo que o frequentava.

Ora, a palavra *boróro*, com essa significação, nunca sofreu qualquer alteração na sua pronúncia, donde se conclue, evidentemente, que se deve dizer *boróro* e não *borôro*.

Poder-se-ia também, embora fora do propósito, opor-se objecção quanto à significação da palavra “orari mugu dogue”, no sentido de “morada do peixe pintado”, na abalisada opinião do Padre Cobalchini.

A-pesar-de não querer em nada diminuir o valor do trabalho do emérito missionário salesiano, cujos serviços aos *boróros* só os conhece quem, como eu, lhe rastreou os passos, peço-lhe vênica para me dissentir do seu modo de ver.

Para chegar a tanto tive de retrotrair o assunto à história oral da tribu, constatando que o vocábulo “orari” não significa apenas “peixe pintado”, como quer o ilustre sábio de D. Bosco, mas também designa um *miriápodo* ou *centopéia*.

Mas, perguntar-me-ão, qual é mais aceitável: "orari mugu dogue" com sentido de "morada do peixe pintado", ou como a "morada da centopéia em aprêço"?

Nesse caso se deve mergulhar na história e comparar as circunstâncias.

Quando os *boróros* se apresentaram ao chefe *Acarúio Bocodóri* para serem, pela primeira vez aldeados, não tinham então qualquer designação deles como povo ou nação e, como no ato de se apresentarem tivessem coladas às costas muitas lâminas ósseas do "orari" ou da *centopéia* a que se referiu, aquêle *boe imijéra* então lhes falou que, por-que houvessem assim aparecido, seriam designados de ali por diante pelo nome de "orari mugu dogue", ou indivíduos que habitam no lugar onde há o "orari".

Com referência a circunstância de serem chamados de "peixe pintado", o fato é de tão pequena importância que não vale a pena mencionar.

Em vista disso, não padece dúvida, o vocábulo "orari" vem significar o nome do *miriápodo* ou *centopéia* a que se fêz alusão.

Agora vou mergulhar um pouco no bôjo do livro.

II — Deparou-se-me á pag. 578 com a expressão "Cabatá? (que é isto?). Para quem pouco conviveu com os índios, torna-se fácil enganar na pronúncia de muitas palavras.

Mesmo as pessoas que com êles estão familiarizadas têm necessidade de, a cada passo, modificar a grafia e pronúncia de muitas delas.

A expressão "Cabatá?" é uma deturpação de *Caebo bá* ou *Caeba bá* de tal forma pronunciado que a gente é levada a crer que se deve dizer: "cababá", entretanto correto será: "caebo bá ou caeba bá".

Quanto à significação, não se tem nada a contestar.

III — Na página seguinte, ou seja à fôlha 588, também se me apresenta a palavra "uakina", no sentido de "muito bem"!

Para dizer "muito bem", apoiado! etc. empregam os *boróros* as seguintes expressões: "boe rugádu! aródu caináo! caináo!", sendo que o *o* final de *caináo* é tão imperceptivelmente pronunciado que dá a supor-se que é *caina* e não *caináo*, de onde deflue o erro que laborou von den Steinen.

A expressão *uakina* não é exata, nem se encontra na língua dos *boróros*.

IV — Encontra-se a fls. 590: "Caiamo b'akimo" "Os Caiamos não valem nada".

A expressão é correcta, mas a significação está errada. 'Bakimo quer dizer *não tem*, logo a frase "Caiamo b'akimo", significa "não tem caiamo ou não tem caipó".

V — Na página seguinte acha-se a seguinte expressão: "pa-pagaina!" Vamos tomar banho. A significação está certa, mas a grafia não. Dever-se-á dizer: "pa-uo pag'aímo", porquê o verbo é reflexivo ou pronominal e é assim conjugado no indicativo presente: "I uo it-aímo, au-o ac-aímo, uo t'aímo, pa-uo pag'aímo, ta-uo tag'aímo, eu-o t'aímo".

A expressão "pa-uo pag'aímo" é assim decomposta: *pa-uo*, de *pa*, forma abreviada de *pagui*, nós, *uo* do verbo *tu* ou *du* ir, *pag'*, de *pagui*, nós, nosso, nossa, nossos, nossas, nos, a nós e *aímo*, banhar. Portanto *pa-uo pag'aímo*, vamos nos banhar, é a maneira por que se deve escrever.

VI — Antolha-se-me a fls. 602 a palavra "inobá" ou cartucho pênil. Dever-se-á escrever *bá*, simplesmente, que é o nome com que o cartucho pênil é designado, entretanto poder-se-á pospor o possessivo *ino*, meu, no caso da determinação da posse do mesmo.

Ainda nessa mesma página se me antolha esta afirmação: "O *bàri* dançava cantando, com a baragára na mão, diante do recém-nascido, avançando e recuando, até que, num dado momento, lhe perfurava o lábio".

A não ser para a invocação dos "aróe", almas, o *bàri* não participa da cerimônia da furatura dos lábios, senão como espectador.

Para perfurar o lábio de um recém-nado, é escolhido, por parte de sua genitora, uma pessoa da fratria oposta, a cuja pessoa dão o nome de *i-edága*, ou meu avô. Este nome também se confere ao *bàri* quando invoca o *Maére-boe*, no caso da queda dos bólidos ou "aróe códu".

VII — Vê-se à página 610 a palavra "nabuleaga" representativa do adorno da figura 134, da página anterior e logo depois a palavra "marobóro", designando o nome de outro adorno.

Ambas as palavras estão erroneamente grafadas.

A primeira escreve-se *nabure o iága* ou *nabure oiága*, aglutinando-se o *o*, do vocábulo medial à primeira sílaba da última palavra. A palavra é assim composta: *nabure*, arara vermelha, *o*, de *óia*, centro, meio e *iága*, cauda.

Então *nabure oiága* seria o enfeite da pena do centro da cauda da arara vermelha.

A segunda grafar-se-á *Baru-boro*, de *baru*, céu e *bóro*, de *póro*, buraco, pedaço.

Baru-bóro é um adorno privativo dos clãs de *Kie* e dos *Iua-gúdu dógue*.

VIII — Encontra-se grafado à página 614 o vocábulo "Diorúbo", significando remédio para a cura de certos malefícios que podem sobrevir durante a pesca, a caça e certas festividades de caráter religioso.

A palavra correta seria "jorubo", em que o *j* da sílaba inicial soe como se a êle estivesse aglutinado o *d*, formando o grupo consonântico *dj*.

Seria o vocábulo "Jorúbo", nesse caso, a fôlha, casca ou raiz de certas ervas ou plantas, as quais atribuem os índios certas virtudes contra os malefícios.

Para significar remédio, no sentido que nós os civilizados o empregamos, êles juntam, isto é, pospõem o adjetivo "curu", líquido. Então "jorúbo cúru" ou remédio líquido é aquêle que se emprega na cura de certas moléstias, para distinguir de "jorúbo", medicação que tem por fim pôr côbro aos malefícios.

IX — A fls. 615 acha-se grafado "baíga" com a significação de arco. Dever-se-á escrever *boíga*, cuja palavra é formada de *boe*, gente, coisa, é, pronome êle, ela, dela, seu, sua, seus, suas e *eiága*, vara, instrumento.

Quem assim grafar não só está com a boa prosódia, como é um bom perdigueiro da etimologia.

X — Não seria de todo despiciendo acrescentar alguma coisa ao que ficou escrito à pág. 621: "Fiavam algodão e o cabelo dos seus mortos, mas de maneira diferente da das mulheres do Kulisehu".

Necessário é, com efeito, que se conheça a vida religiosa dos *boróros*, para que não se caia num engano dessa natureza. Nenhum *boróro* admitiria a monstruosa profanação de se trançarem os cabelos dos seus mortos, nem o indivíduo que isso pretendesse realizar levaria a cabo tal propósito, porquê não se sujeitaria às iras daquele *aróe*, cujo cabelo estava a trançar.

Após a morte de uma pessoa, todos os seus objetos são isolados e guardados a um canto do rancho de sua família. Objetos de pequena monta, como *pote*, *cabaça* etc. são logo quebrados e atirados às chamas.

Quando se faz a exumação do cadáver, isto é, cêrca de 30 dias após seu enterramento provisório, e feita a limpeza dos ossos, adorna-se-á no dia aprazado o crânio do falecido e ao qual se ajuntam os objetos de algodão do seu uso pessoal.

Realizada a festividade do "aije" ou festa em que a alma do extinto baixa ao aldeamento, então far-se-á a incineração do arco, flechas e tôdas as coisas que êle possuía.

Nunca se faz o turbante do cabelo do morto, mas do cabelo das pessoas que, em sinal de pezar pela morte de alguém, flagiciara o corpo e arrancara os cabelos.

Coisa interessante vale aqui lembrar. Quando uma pessoa se mostra pezarosa pela morte de alguma pessoa que não é seu parente e por isso sua tristeza culmina no arretalhamento do corpo e na depilação do couro cabeludo, logo que acabe êsse sacrificio voluntário entrega ao pai ou parente mais próximo do extinto os instrumentos do cilício e contrai um parentesco espiritual com a família enlutada.

Assim, o torturado passará a chamar o pai do extinto de *i-óga*, meu pai, a mãe de *i-múga*, aquêle a êle de *it-onareguêdo*, meu filho e de *it-onaregadu arédu*, se tratar de mulher.

XI — À página 624 está escrito "poli", em vez de "póri" ou vaso para a guarda de água, mel, etc.

XII — Dão à gaivota, à pág. 627, a designação errônea de "chibaiú" nome da arara menor, mas cuja grafia deve ser "*xibáiu*" e não "schibaiú".

Vem êsse nome na tradução de uma estrofe do canto "Róia curiréu", ou "Canto grande".

Vou procurar corrigir mais ou menos a parte do canto citado no trabalho, para que não fique tão deturpada, quer no seu contexto, quer na sua tradução.

A culpa de tais deslises não cabe, por certo a von den Steinen, mas àquele que, arrogando-se a função de bom intérprete, veio comprovar a verdade do aforismo: *traductore, tradictore*.

"Bacoróro arove, Ocogue arove, xibáiu arove, Curugúga arove, Botorouoe arove, Imaiáre arove, Jure tó, tó, Caia tó, tó, Mano tó, tó".

Antes de tudo quero explicar que a palavra "arove" é a forma metaplástica aumentativa de "aróe", alma, por exigência da métrica.

A tradução é mais ou menos esta:

"Almas do Bacoróro, almas dos doirados do Bacoróro almas das araras-menores do Bacoróro, almas dos gaviões do Bacoróro almas dos gaviãozinhos do Bacoróro, almas das mulheres do Bacoróro sempre no Sicuri, sempre no pilão, sempre no caetezal".

Nos seus cantos os boróros designam as pessoas da tribo com os nomes dos animais, das aves e dos peixes e do *sicuri* e figuram sua permanências, ou seu estado de abandono, ou de desprezo com os nomes de *sicuri*, *pilão* ou *caeté*.

Dizem que as almas que estão nessas condições vivem num lugar isolado, cujas águas são paradas...

XIII — À pág. 629 diz von den Steinen que presenciou "uma dança cômica chamada *pare*".

Não existe tal dança, sim *i-pare eréru*, isto é, *i-pare*, os rapazes, *eréru*, dança.

XIV — À pág. 633 está escrito "aidies" invece de "aíje", um espécie de tábua com algumas decorações e que simboliza o *hipopótamo*. Conforme a concepção dos boróros, os "aíje" têm a missão de conduzir as almas dêste para o outro mundo.

XV — Alguns esclarecimentos se tornam imprecindíveis no que toca à nota 72 contida na pág. 636. Eis o que diz o texto que ora se comenta: "Os rapazes cuidam em tempo de achar sua mulher, e aí há, em relação ao gesto, dois costumes muito interessantes. Os lóbulos da orelha da rapariga são perfurados por seu futuro espôso; se êle não casar com ela, então o filho dêle a desposará. Quem aplica ao rapaz o cartucho pênil, "acunhada-se" com êle, em consequência disso, e tem que desposar-lhe a irmã ou a tia".

Ora, quem aplica ao rapaz o cartucho pênil é o *U-ioru bodáre* que é geralmente escolhido pelos parentes do jovem, por parte da sua mãe e, conforme a lei que regula o matrimônio, tem direito a se casar com a irmã ou parente do moço, entretanto poderá ser eleita uma pessoa que não tenha direito ao matrimônio com o clã a que pertence o jovem, mas que se lhe dá preferência na eleição, ou porquê o eleito é bom, valente, sábio, ou porquê tem a posse de muitos adornos e por isso obsequiará ao jovem, ensinando-lhe ademais, se souber, a história oral da tribo, a cultura material o tudo que se relacione com a civilização da comunidade *boróra*.

Os pais nunca perfuram os lóbulos auriculares dos filhos. Isso é feito por ocasião da furatura do lábio de algum recém-nascido, ou quando é imposto o cartucho pênil ao jovem, cabendo a êste a escolha do seu *I-edága*, cujo vocábulo não só quer dizer avô, como também significa um título de honra para aquêles que executam certas funções na vida social ou religiosa da tribo.

É preciso salientar que o *U-iôro bodáre*, ou o homem que impõe o cartucho peniano, tem uma missão de importância a desempenhar.

Quando morre o jovem a quem se impôs o cartucho peniano, é lei sagrada caber ao seu paraninfo o direito, ou melhor o dever de imergir os ossos do falecido no caldo do *urucú* (nonógo curu) e enfeitar-lhe o crânio.

XVI — Há na pág. 640 uma afirmativa de von den Steinen que não tem cabimento e é aquela em que diz teriam os *boróros* imitado as urnas de barro que Waehnelde atribue serem *igaçabas*, chegando mesmo, harmonizando a assertiva dêsse explorador, a confessar:

“Ou os Boróros tinham imitado tais urnas e substituído por elas os cêstos-ossuários, — ainda um antecessor da urna, — ou, o que acho mais provável, por causa da sua reconhecida pouca habilidade cerâmica, que corresponde exatamente à dos nossos Borôro, e pela indicação de que também de outro modo foram usadas velhas urnas, êles depunham os seus mortos nas velhas urnas, que encontram em grande número, em parte já vazias, nas antigas habitações já abandonadas”.

Talvez o Caiapó isso fizesse, nunca o *boróro*.

Nada há que o *boróro* faça que não tenha uma lenda determinante. O que êles fizeram há séculos, ainda o fazem hoje e, no caso do enterramento de ossos dos seus mortos em *igaçabas*, não há referência em tôda a história da tribo.

Releva notar, que, quando se preparam certos sobrepostos para utilizá-los em determinadas cerimônias, como a da furatura do lábio, a da imposição do *bá* e a do funeral de alguém, os objetos manufaturados são minuciosamente examinados pelo pessoal da família do indivíduo que os há-de possuir e seria um desdoiro para o fabricante, se êste, a-pesar-do orgulho que mostra pelo conhecimento das coisas que sabe ou que fabrica, recebesse de um outro, em rosto, esta afronta: “você não sabe nada”.

Por isso e por conhecer de perto o costume dessa gente, me cabe afirmar que não é exato êsse ponto de vista esposado pelo grande sábio.

XVII — À pág. 654, referindo-se à língua dos *boróros*: “A língua é harmoniosa e parece de fácil aprendizagem. Das consoantes falta somente o *f*, abstraindo-se do “foto-guru”, que significa “saliva”.

Nem é essa a única consoante que falta ao dialeto *boróro*, nem “foto-guru” quer dizer “saliva”. No linguajar do *boróro* não se encontra o vocábulo “foto-guru”, mas “otoguru”, que é assim par-

ticularizado: *in-ódo guru*, minha saliva, *ac-ódo guru*, tua saliva, *otuguru*, a saliva dêle, *pag'ódo guru*, nossa saliva, *tag'ódo guru*, vossa saliva, *en-ódo guru*, a saliva dêles.

Faltam à língua as consoantes *f*, *l*, *s*, e *z*.

Ainda nessa mesma página, falando sobre a mudança de fonemas, apresenta o autor alguns exemplos que carecem de correção.

Cabeça		Ir	
Forma errada:	Forma correta:	Forma errada:	Forma correta:
i-taura	it-aura	I-tua	I-tuo
a-kaura	ac-aura	a-tua	a-tuo
kaura	—	tua	au-tuo
pa-gaura	pag'-aura	pa-dua	pa-duo
te-taura	tag'-aura	tedua	ta-duo
-e-taura	et-aura	e-tuo	u-tuo

XVIII — No vocabulário de fls. 688 usque 691 deparam-se-me vários erros, quer quanto à grafia, quer quanto à impropriedade do termo.

Convém acentuar que poucos vocábulos foram tomados no sentido absoluto e sim pospondo-se-lhes, na maioria dêles, o possessivo *i*, meu.

Ora, a pessoa que pretender acrescentar a cada vocábulo os possessivos assim do singular, como do plural, terá a impressão que escreve ou fala bem a língua dos *Boróros*, mas o certo é que ninguém compreende o que esta pessoa dirá.

A cada forma do possessivo corresponde a mudança do radical.

Vou dar um exemplo:

Logo à fls. 688 está escrito: "pai-iuga, mãe-imuga". Quer dizer que o radical de ambas as palavras são *uga* e *muga*.

Não padece dúvida que, se se juntar a cada uma delas os possessivos singular e plural, far-se-á uma barafunda do outro mundo.

Tomando-se os dois vocábulos, chegar-se-ia:

Forma incorreta e segundo von den Stein:				Forma correta e conforme o linguajar dos boróros:			
Iuga	meu	pai,	imuga, minha mãe	I-óga,	meu	pai,	i-múga, minha mãe
aúga,	teu	"	amúga tua	Ao	teu	"	a-xe, tua
úga	dêle	"	múga dêle	Uo	dêle	"	u-xe, dêle
pa-úga	nosso	"	pa-muga-nossa	Pá-o-	nosso	"	Pa-je-nossa
te-úga,	vosso	"	te-muga-vossa	Tá-o,	vosso	"	Ta-je, vossa
e-úga,	dêles	"	e-muga, dêles	Et-uo,	dêles	"	Et-uje dêles

Como se vê, e conforme von den Steinen, a palavra pai e mãe, tomadas no sentido absoluto, só têm uma só forma, quando na realidade a primeira tem três e a segunda quatro, isto é, o primeiro, *óga, o, uo* e a segunda, *muga, xe, je* e *uje*.

Poder-se-ia, como ficou exposto, refundir-se o vocábulo do insigne mestre.

Trabalho de paciência, por certo, a mim só interessa o que diz respeito à parte controvertida dos usos, costumes e vida religiosa dos boróros.

Não é que esteja animado do propósito de criticar a obra de von den Steinen, mas esperançoso de que, quanto maior a elucidação da vida dessa tribo, melhor se torna ela conhecida e admirada.

Se se fizesse com as outras, como se vem fazendo com a dos *boróros*, não resta a menor dúvida que a vida dos nossos selvagens não seria um segredo e privilégio de poucos.